



UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO GRANDE DO NORTE-UERN
CAMPUS AVANÇADO DE PATU-CAP
DEPARTAMENTO DE LETRAS-DL

RENATA MIRELI FERREIRA

A MEMÓRIA E O ESPAÇO DE POBREZA EM *ÚRSULA* DE MARIA FIRMINA DOS REIS

PATU
2019

RENATA MIRELI FERREIRA

A MEMÓRIA E O ESPAÇO DE POBREZA EM *ÚRSULA* DE MARIA FIRMINA DOS REIS

Monografia apresentada à Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – UERN – como requisito obrigatório para obtenção do título de licenciatura em Letras / Língua Portuguesa.

ORIENTADORA: Prof^ª. Ma. Francisca Laila Ribeiro Pinto

PATU
2019

© Todos os direitos estão reservados a Universidade do Estado do Rio Grande do Norte. O conteúdo desta obra é de inteira responsabilidade do(a) autor(a), sendo o mesmo, passível de sanções administrativas ou penais, caso sejam infringidas as leis que regulamentam a Propriedade Intelectual, respectivamente, Patentes: Lei nº 9.279/1996 e Direitos Autorais: Lei nº 9.610/1998. A mesma poderá servir de base literária para novas pesquisas, desde que a obra e seu(a) respectivo(a) autor(a) sejam devidamente citados e mencionados os seus créditos bibliográficos.

Catálogo da Publicação na Fonte.
Universidade do Estado do Rio Grande do Norte.

F383m Ferreira, Renata Mireli
A Memória e o Espaço de Pobreza em ÚRSULA, de Maria Firmina dos Reis. / Renata Mireli Ferreira. - Patu - Rio Grande do Norte, 2019.
40p.

Orientador(a): Profa. M^a. Francisca Lailsa Ribeiro Pinto.
Monografia (Graduação em Letras (Habilitação em Língua Portuguesa e suas respectivas Literaturas)).
Universidade do Estado do Rio Grande do Norte.

1. Letras (Habilitação em Língua Portuguesa e suas respectivas Literaturas). 2. Escravidão. 3. Memória. 4. Susana. 5. Espaço. I. Ribeiro Pinto, Francisca Lailsa. II. Universidade do Estado do Rio Grande do Norte. III. Título.

RENATA MIRELI FERREIRA

A MEMÓRIA E O ESPAÇO DE POBREZA EM ÚRSULA DE MARIA FIRMINA DOS REIS

Monografia apresentada à Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – UERN – como requisito obrigatório para obtenção do título de licenciatura em Letras / Língua Portuguesa

Orientadora: Prof^ª. Ma. Francisca Lailsa Ribeiro Pinto

Aprovada em ___/___/___.

Banca Examinadora

Prof^ª. Ma. Francisca Lailsa Ribeiro Pinto
Universidade Estadual do Rio Grande do Norte- UERN
Orientadora

Prof^ª. Ma. Annie Tarsis Morais Figueiredo
Universidade Estadual do Rio Grande do Norte- UERN
1^º Examinador

Prof. Esp. Gleison Carlos Sousa de Morais
Secretaria de Educação do Estado do Rio Grande do Norte
2^º Examinador

À minha amada família que é a base de tudo.

A todas as mulheres guerreiras e resistentes.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, expresso minha eterna gratidão ao meu Deus pelo dom da vida, pela a sabedoria, a paciência pelo o qual me concedes-te chegar até aqui. Essa caminhada não foi fácil, mas os Seus direcionamentos me levou a conquistar esse tão almejado sonho. Que o louvor, a honra e a glória sejam dados somente a Deus.

Agradeço em segundo lugar, aos queridos pais Maria Gorete Ferreira Soares e Francisco Ferreira Soares, por me incentivar a seguir em frente, de cabeça erguida diante das dificuldades e por me ensinar o verdadeiro significado da família. A vocês dedico o meu eterno amor.

A minha vovó Rita Ferreira Dantas, minha segunda mãe, a base que sustenta a minha família, a pessoa que me ajudou financeiramente, principalmente nos estudos e que nos ilumina com a seu amor e cuidado. Exemplo de mulher a ser seguido, como mãe e mulher forte e resistente as lutas que passou.

Aos meus irmãos Rita Micarla Ferreira e Robson Michael Ferreira, agradeço pelo o apoio, pela presença constante em minha vida e por ter me presenteado com lindos sobrinhos Maria Yasmim Ferreira Silva, Italo Ferreira de Sousa Silva, Iago Ferreira Godeiro e Davi Lucas Ferreira da Silva, que tornam os meus dias mais alegres. Muito amor envolvido.

Agradeço em especial aos meus amigos José Claudio dos Santos, Maria Sonália Oliveira e Lucélia Ribeiro Dantas pela a amizade sincera e pelas palavras de ânimo, experiências compartilhadas e pelo carinho que tens para comigo.

A minha querida amiga Camila Soares dos Santos que o curso de Letras me apresentou, sempre fizemos uma dupla nos trabalhos e no estágio. Pessoa maravilhosa, calma e que me ajudou bastante. Durante esses quatro anos construímos uma linda amizade e com as bênçãos de Deus perdurará para a vida toda.

Aos demais colegas de sala em destaque Michelle Jardênia, Kely Caroline, Gilberlânia Faustino, Noêmia e Ritônio, pelas noites acordadas de estudo e pela amizade além da sala de aula.

A todos os meus professores em especial Annie Tarsis, Gleison Carlos, Larissa e Luciana Nery que fizeram parte dessa trajetória, pela atenção e os ensinamentos que contribuíram bastante para o meu crescimento.

A minha orientadora Francisca Lailsa Ribeiro Pinto por transmitir a importância e a beleza que existe na literatura e por despertar em mim o desejo de seguir pelo o mesmo caminho. Obrigada pela a motivação e pela ótima orientação que contribuiu bastante para que esse trabalho fosse realizado.

Ao programa RESPED e toda a equipe que a compõe, por nos conceder o primeiro contato em sala de aula.

A todos que de alguma forma contribuíram para o meu crescimento, aperfeiçoamento e concretização desse sonho.

A minha imensa gratidão a todos.

Deixae pois que a minha URSULA, timida e acanhada, sem dotes da natureza, nem enfeites e louçanias d'arte, caminhe entre vós.

Maria Firmina dos Reis, 1975

RESUMO

Este trabalho tem por objetivo geral analisar a memória e o espaço de pobreza problematizando as mulheres negras a partir da personagem Susana, no romance *Úrsula* (1859) de Maria Firmina dos Reis, com a seguinte problemática: como a memória e o espaço de pobreza com personagens negras são representados na narrativa *Úrsula*. Também descrevemos a literatura brasileira com mulheres negras. Além do mais, problematizamos a definição de memória e de espaço de pobreza relacionando-as com as personagens do romance, como também destacando o espaço que ocupam. Por fim, analisamos a desumanidade escravocrata e a humanização da negra Susana. Buscamos como aporte teórico e crítico para a nossa análise os escritores: Bernd (1988) na qual destaca que a literatura negra surgiu num momento em que a cultura negra foi desconsiderada por muito tempo, em relação ao espaço Rocha (2003) e Dalcastagnè (2012) definem o espaço de pobreza e os possíveis espaços, quanto à memória coletiva apelamos para Halbwachs (1968), dentre outros teóricos. A metodologia utilizada é a pesquisa qualitativa, análise é bibliográfica. Notamos no decorrer da análise que a personagem Susana representa as mulheres negras que foram arrancadas de sua terra natal para serem colocadas num espaço desconhecido de dor, de violência, desrespeito e falta de dignidade para com os negros, na qual foram vítimas de um sistema autoritário e escravocrata no século XIX. Nesse sentido, percebemos que escritora Maria Firmina dos Reis em seu romance *Úrsula* (1859), chama a atenção dos seus possíveis leitores para o tratamento desumano que era dado aos negros, a opressão e a agressão contra as mulheres negras, por meio da memória das personagens negras em uma sociedade regida pelos brancos de classe média.

Palavras-chaves: Espaço de pobreza. Memória. Escravidão. Susana.

ABSTRACT

This work has as general objective to analyze the memory and the poverty space problematizing black women from the character Susana, in the romance *Úrsula* (1859) by Maria Firmina dos Reis, with the problem: how the memory and space of poverty with black characters are represented in the narrative *Úrsula*. We also describe Brazilian literature with black women. Besides that, we problematize the definition of memory and poverty space by relating them to the characters in the romance, as well as showing the space they occupy. Lastly we analyze the slaveocratic dehumanization and the humanization of the black Susana. We seek as theoretical and critical support for our analysis the authors: Bernd (1988) that points out that black literature emerged at a time when black culture was disregarded for a long time in relation to space, Rocha (2003) and Dalcastagnè (2012) that define the space of poverty and the possible spaces, regarding collective memory, we appeal to Halbwachs (1968), among other theorists. The methodology that was used is qualitative research, analysis is bibliographic. We note throughout the analysis that character Susana represents the black women who were torn from their homeland to be placed in unknown space of pain, violence, disrespect and lack of dignity with black people, in which they were victims of an authoritarian and slave system in the nineteenth century. In this sense, we realize that the writer Maria Firmina dos Reis in her romance *Úrsula* (1859), draws her possible readers' attention the inhuman treatment that was given to black people, oppression and aggression against black women, through the memory of black characters, in a society ruled by people whites of middle class.

Keywords: Poverty Space. Memory. Slavery. Susana.

SUMÁRIO

CONSIDERAÇÕES INICIAIS	10
1. AS VOZES NEGRAS NO ESPAÇO DE POBREZA	13
1.1 O campo literário periférico	13
1.2 A memória e as mulheres negras pelo espaço de pobreza em <i>Úrsula</i>	19
2. O ESPAÇO DE POBREZA EM ÚRSULA.....	24
2.1 A desumanidade do espaço escravocrata: a dor não tem cor	24
2.2 A humanização da preta Susana: as reconfigurações do espaço	31
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	36
REFERÊNCIAS	38

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

No século XIX no Brasil, a mulher de uma maneira geral, principalmente negra estava inserida num espaço recluso, dependente e restrita ao espaço doméstico, sem permissão à educação, a vida cultural literária e ao lazer, em que a sociedade era sustentada pela diferenciação, subordinadas a pais, maridos e senhores. O romance *Úrsula* (1859) está inserido no contexto em que a educação e a escrita eram reservados ao homem branco. (o paragrafo primeiro e segundo foi trocada a ordem)

A partir da leitura da narrativa *Úrsula*, de Maria Firmina dos Reis, analisa-se a memória e o espaço de pobreza problematizando as mulheres negras em especial a preta Susana. No entanto, esse objetivo se divide em dois específicos: a) descrever a literatura brasileira com mulheres negras (século XIX), b) problematizar o conceito de memória e de espaço de pobreza no romance *Úrsula* e c) analisar a desumanidade do espaço escravocrata e a humanização da preta *Susana*.

O romance *Úrsula* de 1859 apresenta personagens femininas excluídas da sociedade, com a sua memória apagada, vozes sendo silenciadas e os seus limites nas quais estavam confinadas. A escritora em sua obra faz uma apresentação à mulher negra até então negada, a de um ser humano inteligente e extraordinário, possuída de sentimentos, vontades e coragem, para que pudessem relatar as suas memórias e não de mulheres invisíveis, escravas, desprezadas e submetidas à violência e a ordem masculina.

O tema para análise foi escolhido não só por apresentar a memória, o espaço de pobreza e a exclusão social referente às mulheres negras e brancas vivenciada pela própria escritora Maria Firmina dos Reis no romance *Úrsula*, mas por a narrativa ser conduzida por vozes femininas silenciadas. Durante décadas as mulheres enfrentam desafios que as excluem em seu meio e lutam por um espaço de igualdade, direito de participação no discurso social e literário e por sua autonomia.

O estudo será abordado dentro do tema a memória de preta Susana no espaço de pobreza no romance *Úrsula*, de Maria Firmina dos Reis, que envolverá pesquisa, problematização e investigação. Sua análise é fundamental para a formação quanto pesquisador e leitor, capaz de abordar várias reflexões, mostrar a realidade do passado de mulheres que padeceram diante de uma sociedade de

aparências, contradições, desigualdades, autoritarismo e que se pode verificar o crescimento e as conquistas alcançadas hoje por mulheres consideradas invisíveis.

A obra *Úrsula* de Maria Firmina dos Reis vem criticar os valores da sociedade patriarcal representada por mulheres que eram totalmente submetidas e independentes a essa ordem no século XIX e mostrar os desafios enfrentados por mulheres que eram submissas aos homens e ansiava pela a liberdade e criticar a sociedade daquela época que as privavam de seus direitos, sendo pobres ou ricas, brancas ou negras todas estavam submissas à autoridade masculina. Diante disso, a sociedade compreenderá a representação feminina, o processo histórico, os costumes e as exclusões daquela época.

Mostrar a realidade do Brasil, desde o século XIX, é importante para compreendermos que a partir dos sujeitos oprimidos e escravizados, entre mulheres e homens negros, vemos uma sociedade cheia de interdições e ordens patriarcais na qual faz sujeitos escravos e dependentes de qualquer ação e decisão, principalmente as mulheres. Nota-se que a exclusão da mulher vem desde tempos atrás e essa luta por um lugar de destaque na sociedade foi um trabalho árduo com muitas lágrimas, sofrimentos e dolorosa para uma mulher considerada frágil e indefesa. A partir de então, surge à crítica aos valores da sociedade patriarcal, representada pela mulher no século XIX, na qual era submetida a essa ordem e tenta, através da crítica, denunciar esse regime e mudar esse quadro.

O método utilizado na pesquisa é dedutivo, o objeto de pesquisa partirá da análise da obra literária *Úrsula* de Maria Firmina dos Reis e de uma pesquisa aprofundada sobre o assunto em questão para se chegar a uma conclusão. A pesquisa é de natureza qualitativa, por meio deste será realizada uma análise do objeto, observação e levantamentos de dados históricos e outras atividades que propiciem esse aprofundamento de pesquisa.

Dessa forma, esta monografia se divide em dois capítulos: o primeiro capítulo discorre sobre as vozes negras no espaço de pobreza, no século XIX em que a partir da personagem negra Susana que o negro tem um papel relevante e tem voz no romance *Úrsula* (1859) de Maria Firmina dos Reis.

Foi usado como base os seguintes textos teóricos e críticos: *Introdução à Literatura Negra* de Zilá Bernd (1988) que fala sobre a cultura, principalmente negra que é considerada fora da lei; *Crítica Feminista* de Lúcia Osana Zolin (2005) relata sobre a posição social da mulher e sua produção literária. Como também *Vozes nas sombras* de *Dalcastagnè* (2008) na qual a narrativa das vozes silenciadas é

problematizada; *A pobreza no Brasil*, de Sônia Rocha (2003) na qual define o conceito de espaço de pobreza; Maurice Halbachs (1968), *A Memória Coletiva* que descreve a memória coletiva.

Ainda, utilizamos a literatura brasileira contemporânea: *Espaços Possíveis* de Regina Dalcastagné (2012), na qual relata que a personagem é indispensável na construção do espaço da narrativa e mostra como esses espaços se constituem dentro da mesma, como são utilizados para descrever as personagens e de suas ligações com o tempo e observar sua evolução dentro da narração, dos limites criados entre os espaços públicos e privado.

O segundo capítulo é o espaço de pobreza em *Úrsula*, desse modo a personagem negra Susana rememora a marcante história do espaço em que vivia e agia, destacando a beleza do lugar e a liberdade que usufruía, como também sua resistência à um espaço desconhecido e escravocrata, onde se desenvolve a trama da narrativa. Utilizamos como aporte teórico os textos *Escritoras, escritas, escrituras* de Telles (2004) que fala sobre a biografia de Maria Firmina dos Reis e o resumo da narrativa *Úrsula* (1859). Recorremos também, Duarte (2009), *Mulheres Marcadas: Literatura, Gênero, Etnicidade*; Dalcastagné (2001) *As vozes femininas na novíssima narrativa brasileira* e a *Desumanização na Literatura* de Nakagome (2015), dentre outros.

Com base nesse pensamento, iremos analisar nos capítulos a seguir a memória e o espaço de pobreza em *Úrsula*, descrevendo a memória de mulheres negras que foram silenciadas e esquecidas, como também o espaço que era destinado a elas e sua exclusão no campo literário. Iremos abordar também a desumanidade do espaço escravocrata, em que os escravos viveram dias de tormento e a humanização da figura feminina de nossa análise Susana quebrando com o estereótipo da época.

1 AS VOZES NEGRAS NO ESPAÇO DE POBREZA

Neste capítulo serão abordadas as vozes negras no espaço de pobreza, com dois subtópicos: 1.1 que descreverá a memória e a voz silenciada das mulheres negras na literatura brasileira, tendo como aporte para essa descrição os textos teóricos de Bernd (1988) *Introdução à Literatura Negra*; Zolin (2005) *Crítica Feminista*; Schmidt (2017) *Centro e Margens: notas sobre a historiografia literária*; Dalcastagné (2008) *Vozes nas Sombras: representação e legitimidade na narrativa contemporânea*; Telles (2004) *História das mulheres no Brasil* e Maurice Halbwachs (1968) *a Memória Coletiva*.

No segundo subtópico abordará o conceito de memória e de espaço em que estão inseridas as mulheres, fazendo ligação com o romance *Úrsula*, mesmo sendo consideradas invisíveis no espaço social, cultural e religioso. Para base crítica e teórica Dalcastagné (2012) *Espaços possíveis*, Rocha (2003) *Pobreza no Brasil* e Souza (2009) *A má-fé da sociedade*.

1.1 O campo literário periférico

A literatura por séculos foi idealizada, disputada e presa a uma rede de interesses em busca de conhecimento e poder. Isso não contribuiu para a sua democratização em nada, não aumentou os leitores de diferentes classes sociais e nem a sua produção. Pelo contrário, acabou escondendo o que realmente se passava por trás da classe média, de onde surgiram os escritores já legitimados e reconhecidos no campo literário. Enquanto houver desigualdades é difícil em imaginar na problematização da literatura incluindo essas novas vozes literárias.

Aos marginalizados, considerados fora-da-lei cabe o silêncio, como as escritoras femininas, sobretudo negras, mais com as lutas por direitos civis, conseguiram com que os menos valorizados como mulheres, negros, pobres e homossexuais comesçassem a escrever e a sua memória fosse ouvida no campo literário, para isso, foi preciso percorrer um longo caminho para que a mesma fosse reconhecida.

No romance *Úrsula* vemos os personagens negros e as mulheres excluídas do regime político, social e cultural daquela época, viviam sem socialização com os

brancos, viviam separados em senzalas, não tinham o direito de se expressarem e muito menos entrar no campo da escrita.

Durante o século XIX a presença das mulheres na literatura brasileira era pequena, elas eram animalizadas e suas vozes silenciadas. No entanto, a primeira escritora negra Maria Firmina dos Reis vem por meio de sua obra dar voz às personagens negras, em destaque apresenta-se a mãe Susana, que desempenha papel importante na obra, o de apresentar o espaço e a memória coletiva do seu povo negro, como também destaca a necessidade de se criar um espaço na educação em que a mulher expressasse o seu ponto de vista diante da dominação masculina, sendo a maioria branca e de classe média.

A escritora Maria Firmina dos Reis foi desconsiderada durante séculos pela historiografia literária canônica, ela escreveu seu primeiro romance abolicionista da literatura brasileira *Úrsula* em 1859, nasceu em São Luís, no Maranhão, em 1825 e morreu em 1917. Assim, podemos perceber no trecho de Telles a descrição sobre a autora da narrativa *Úrsula*:

Nascida em São Luís em 1825, filha ilegítima, viveu com a família extensa, constituída pela avó e por duas gerações de irmãs, a mãe e a tia materna, ela e a irmã. Uma casa de mulheres. Maria Firmina dos Reis ganhava a vida como professora. Em concurso estadual de 1847, foi a única aprovada para a instrução primária na Vila de Guimarães, onde passou a residir. A tia materna, que possuía alguns recursos e era proprietária de uns poucos escravos, ali construía uma casa de alvenaria, igual a tantas que ainda hoje existem pelo o interior do Brasil, para as férias de veraneio da família. Mais tarde, a casa se tornou permanente. (TELLES, 2004, p.410)

Como menciona Telles, Maria Firmina dos Reis foi professora e lecionava na sua própria casa, dava aula gratuita para aqueles que não podiam pagar, não sabia outras línguas e não estudou na Europa, no entanto era conhecida como Mestra Régia, que significava professora formada e concursada. Nessa época em 1857, o ensino era precário, havia mais meninos aprendendo do que meninas. Nota-se que as oportunidades de ensino para as meninas eram mínimas, percebemos desde cedo a exclusão da participação das mulheres na educação.

A escritora enfrentou vários obstáculos, além de ser mulher, era negra, bastarda, vivia numa cidade pequena do interior e pertencia a uma família pobre, ela rompeu os limites entre o privado e o público, ultrapassou as barreiras sociais impostos por uma sociedade conservadora e escravocrata.

O romance de nossa análise *Úrsula* é uma narrativa de amor entre a jovem Úrsula e um rapaz chamado Tancredo, bacharel em Direito. Marcada por desencontros, decepções e frustrações, tecendo com a vida dos escravos, cenário principal do enredo, que guardam a memória da África com seus costumes e raízes. A autora individualiza o escravo por meio das personagens, tornando-o agente do enredo, tomando suas próprias iniciativas na obra.

Na literatura brasileira até onde se sabe o negro não era considerado como um ser humano e sim considerado marginal e silenciado por vozes superiores a ele. A escritora Maria Firmina dos Reis vem preencher esse vazio citado por Bernd (1988), resgatando em sua obra a memória negra outrora esquecida pelo o branco:

A literatura negra surge como uma tentativa de preencher vazios criados pela perda gradativa de identidade determinada pelo longo período em que a “cultura negra” foi considerada fora-da-lei, durante o qual a tentativa de assimilar a cultura dominante foi o ideal da grande maioria dos negros brasileiros. (BERND,1988, p.12)

Assim, podemos perceber que Maria Firmina dos Reis vem resgatar essa identidade, trazendo à memória a literatura negra, como também a sua cultura, na qual a escritora foge do padrão da literatura da época, problematizando as vozes silenciadas, pois a mesma apresenta o negro como sujeito de enunciação, ou seja, o narrador dar voz para que ele conte a sua própria história, tornando-se o agente principal. Assim cita Bernd (1988) sobre esse novo discurso:

Esse *eu* lírico em busca de uma identidade negra instaura um novo discurso – uma *semântica do protesto* – ao inverter um esquema onde ele era o Outro: aquele de quem se condoíam ou a quem criticavam. Passando do de *outro* a *eu*, o negro assume na poesia sua própria história de seu ponto de vista. Em outras palavras: esse *eu* representa uma tentativa de dar voz ao marginal, de contrapor-se aos estereótipos (negativos e positivos) de uma literatura brasileira legitimada pelas instâncias de consagração. (BERND, 1988, p.26)

Dessa forma, percebemos que autora Maria Firmina dos Reis, mostra em seu romance a relação de Túlio, um jovem negro e escravo e Tancredo um jovem branco e aristocrático, os colocando em pé de igualdade, embora a sociedade não trate dessa maneira, o negro começa a se distanciar do objeto que era tratado, passando de *outro* a *eu*. Percebemos no romance o momento em que Tancredo reconhece a generosidade de Tulio, ao ajudá-lo em um grave acidente, o recompensa dando-lhe

a carta de alforria, também vemos essa relação quando estes se tornam amigos e companheiros.

Esse *eu* negro é um fator influenciador na mudança de uma nova visão na literatura brasileira, espaço esse em que os negros e os marginalizados aparecem poucas vezes na escrita literária. Essa nova visão conceitua um pensamento crítico de si mesmo e da realidade do outro, apagando a ideia de que só a raça branca é única e ideal.

Como relata Dalcastagnè (2008, p.78): “o silêncio dos marginalizados é coberto por vozes que sobrepõem a ele, vozes que buscam falar *em nome* deles, mas também, por vezes, é quebrado pela a produção literária de seus próprios integrantes”. A escritora Maria Firmina dos Reis em sua narrativa transforma os marginalizados em personagens e em até mesmo em narradores de seus textos dando-os autoridades e vozes para que falem de si mesmo e de sua memória coletiva e individual.

Uma dessas personagens que Maria Firmina dos Reis destaca é o negro Túlio que narra sua triste história, que apesar de todo sofrimento, não endurecera o seu coração, pois a partir de seu gesto para com o branco, ele se torna um padrão de referência moral, assim construindo uma imagem do negro diferente da que se tinha na época, marginal e bruto.

Vemos também na narrativa a mãe de Tulio sendo marginalizada, por ser escrava, o próprio Túlio relata: “Ah! quão grande era a dôr que a consumia! Porque era escrava, submeteo-se á lei, que lhe impunham, e como um cordeiro abaixou a cabeça, humilde e resignada” (REIS, 1975, p. 137), e por ser assim devia obedecer às regras de seu senhor, sem nenhum direito de questionar, pois não tinha significado para a sociedade.

Outra personagem que desempenha um papel significativo na obra é a preta Susana que representa em sua obra às mulheres negras e quem rememora a história de mulheres que foram tiradas a força de sua terra natal para serem escravas e colocadas num espaço privado e desconhecido. Susana trás por meio de sua memória individual, o seu discurso sobre a memória coletiva de seus entes queridos, até mesmo as imagens do passado que esta intimamente ligada com as suas lembranças.

Notamos no romance a passagem que Susana em diálogo com o negro Túlio, rememora a saída forçada dos seus irmãos de sua terra natal levado cativo no navio negreiro para viverem escravizados e torturados numa terra totalmente estranha. As

mulheres negras quem mais sofriam, pois além de servir fielmente as ordens da dominação masculina eram consideradas inferiores a eles e quanto à produção escrita era imprópria para elas.

Em consequência disso, a mulher tem sido objeto de estudo em diversas áreas, principalmente no âmbito da literatura e da crítica literária. De acordo com Zolin (2009, p. 218): “a crítica feminista é profundamente política na medida em que trabalha no sentido de interferir na ordem social”, dessa forma, desconstruem a oposição homem/mulher e prega a amplificação dos direitos civis, políticos e sociais da mulher.

[...] No que se refere à posição social da mulher e sua presença no universo literário, essa visão deve muito ao feminismo, que pôs a nu as circunstâncias sócio-históricas entendidas como determinantes na produção literária. Do mesmo modo que se fez perceber que o estereótipo feminino negativo, largamente difundido na literatura e no cinema, constitui-se num considerável obstáculo na luta pelos direitos da mulher. (ZOLIN, 2005, p. 217)

O feminismo no Brasil conhecido “como o movimento social e político” expandiu-se juntamente com as mobilizações em prol da abolição de escravos, na qual a mulher escrava era submetida a trabalhos forçados e várias torturas como física, emocional e psicológica. Esse movimento surgiu para reivindicar os direitos das mulheres principalmente na área da literatura. Percebemos no romance de Maria Firmina dos Reis que o drama dos escravos vai prosseguindo cada vez mais, conseqüentemente desempenha um papel relevante na obra, que apresenta um olhar positivo do negro, sem preconceitos raciais e de estereótipos e denuncia à imposição e as agressões de que a mulher brasileira era vítima.

A literatura de autoria feminina vem resgatar a memória de mulheres que foram excluídas da condição de sujeitos, políticos e culturais e que deu voz a essas mulheres dando-lhe o papel de protagonista de sua própria história. Maria Firmina dos Reis vem resgatar essa memória através da personagem Susana, na qual tem voz para narrar a sua história e de seus entes queridos.

[...] A questão da autoria feminina do século XIX é, sem dúvida, uma questão de memória social/cultural pertinente para a discussão sobre pertença ou nacionalidade, por isso constitui pedra de toque para a revisão e reinterpretação do passado nacional. Reinscrevendo-se nesse passado o lugar enunciativo das ausências, desestabilizam-se a fixidez de sentido e o efeito de totalidade da memória, tal como se inscrevem na figura do cânone. (SCHMIDT, 2017, p. 35)

Assim sendo, é através da memória social e cultural que se constrói uma produção nova de si mesma e se tornando novos sujeitos capaz de reescrever e preservar imagens do passado, recuperando vozes que foram silenciadas e desconstruir o mundo construído a partir da visão do branco. Essas vozes vem mostrar em suas obras um mundo sem preconceitos para com o negro e a mulher e denunciar esse regime patriarcal. No entanto, as vozes que foram silenciadas por muito tempo foram resgatadas uma nova geração de escritoras femininas que apesar das críticas e dos obstáculos permaneceram de pé escrevendo as suas narrativas.

A escritora romancista inglesa Virginia Woolf num ensaio clássico, que fala acerca das circunstâncias sociais e a sua importância na formação literária, escrito em 1929, afirma “que para fazer literatura, a mulher antes precisa ter dinheiro e um teto todo seu” (DALCASTAGNÈ, 2001, p.19). Teto esse que garantisse uma legítima participação na sociedade desce oportunidade para ocuparem cargos públicos e assegurasse decentemente sua devida sobrevivência.

Essa afirmação nos leva a reflexão que as mulheres “ainda lutam por um teto”, pois ainda depende da permissão e do respeito do ser masculino para adentrar na literatura, a mulher precisa se desligar dos afazeres que a prende num espaço limitado, assim nos relata Zolin:

[...] Em face dessa realidade, á mulher que nascesse com o veio poético no século XVI, tais mulheres, além de terem que enfrentar a hostilidade, a arrogância e toda sorte de sermões e recriminações sociais (que no caso de homens escritores da casta de um Flaubert, por exemplo, se traduzia apenas como indiferença), tinham que enfrentar as dificuldades materiais e a questão da dependência. Para a maioria delas, ter um quarto próprio estava fora de questão; o mais comum era dividir conjugados de sala e quarto com toda a família. (ZOLIN, 2005, p. 222)

Conseqüentemente, a mulher não podia nem dormir sozinha, não tinha um quarto separado, imagine um teto só para ela, não tinha condições de mantê-lo, mas a luta é constante por um teto que garantisse independência, trabalho, uma renda digna e um espaço principalmente para escrever suas obras. O trabalho da figura feminina era somente doméstico e de reprodução, não era valorizado, nem remunerado, era invisível, não passava apenas de uma dona de casa. O pano, a pá, a vassoura, e o esfregão eram seus companheiros constantes. Mas a dificuldade de um teto para si, era bem pior para as mulheres negras, se é que tivesse pelo menos

direito de dormirem e repouso para o seu corpo explorado e torturado. Como vemos no romance de *Úrsula* não é diferente esse espaço:

Ainda as casas dos escravos, que outr'ora tinham sido de um aspecto agradável, tapadas de barro e cobertas de telha, hoje mal representavam esse singelo aceio de outras eras. Já arruinadas, desmoronavam-se aqui, e ali; porque os desgraçados escravos do comendador, espectros ambulantes, não despunham de uma só hora no dia, que podessem dedicar em benefício de suas moradas; á noite trabalhavam ordinariamente até ao primeiro cantar do gallo. Esfaimados, semi-nús, espancados cruelmente, suspiravam pelas duas ou 19elo horas desse somno fatigado, que lhes concedia a dureza de seo senhor. (REIS, 1975, p. 135 -136)

Nesse trecho vemos a triste miséria em que viviam os escravos, além de passar o dia e até a noite trabalhando, não tinham um lugar seguro para voltar e nem um lugar confortável para repousar, aliviar o seus fardos e curar suas feridas devido o trabalho forçado, pesado e a maioria das vezes sob açoites. As mulheres ansiavam por esse novo teto que traz abrigo, benefícios, defesa, proteção, remédio para o corpo e a mente e refúgio distantes dos opressores.

Desde cedo, à mulher escrava era colocada para ajudar a sua mãe nos afazeres domésticos do seu senhor e a obedecer a ordens rígidas do seu patrão, na maioria das vezes era usada como objeto sexual, levada à tortura para satisfazer os seus prazeres e assim como o escravo, ela não tinha um espaço só seu para aliviar suas dores físicas e psicológicas.

Assim sendo, compreendemos o quanto a memória é fundamental para relembrar a história passada, principalmente de mulheres negras, tanto por aqueles que contam, como também por aqueles que vivência na prática e que tem um papel significativo no espaço em que circulam ponto importante que discutiremos a seguir.

1.2 A memória e as mulheres negras pelo espaço de pobreza em *Úrsula*

O romance *Úrsula* se passa em São Luís no Maranhão, no espaço físico urbano representado pela descrição da natureza, das casas e dos ambientes em que as pessoas frequentam, lugar em que as personagens circulam moldando o lugar e no espaço psicológico através do ponto de vista das personagens que narram suas memórias e relembram imagens do passado. Vemos no romance de Reis (1958) a descrição desse espaço bem detalhado:

São vastos e bellos os nossos campos; porque inundados pelas torrentes do inverno simelham o oceano em homançosa calma – branco lençol de espuma, que não ergue marulhadas ondas, nem brame irado, ameaçando insano quebrar os limites, que lhe marcou a onnipotente mão do rei da criação. [...] _ os campos são qual vasto deserto, majestoso e grande como o espaço, sublime como o infinito. (REIS, 1975, p. 7)

Como podemos perceber na citação acima, uma característica do Romantismo bem detalhada no romance *Úrsula* é a exaltação da natureza, em *Úrsula* percebemos do começo ao fim da narrativa essa descrição do espaço destacando a exaltação a natureza e sua relação com o ser humano. Firmina vai além dos preceitos dessa escola, quebrando o padrão de literatura da época.

Além disso, dentre as personagens da narrativa, destaca-se a escrava *Susana* que rememora com saudade, como vivia livre na África e de forma crítica questiona o espaço de pobreza que é construído durante a criação da literatura brasileira.

De acordo com Halbwachs (1968, p.51) “[...] cada memória individual é um ponto de vista sobre a memória coletiva, que este ponto de vista muda conforme o lugar que ali eu ocupo, e que este lugar mesmo muda segundo as relações que mantenho com outros meios”. A imagem de seus entes queridos é constantemente lembrada no seu coração lugar onde transborda infinita dor e na sua memória que relembra com saudade sua felicidade outrora roubada, como percebemos na passagem a seguir:

_Sim, para que estas lagrimas?!.... Dizes bem! Ellas são inúteis, meo Deos; mas é um tributo de saudade, que não posso deixar de render a tudo quanto me foi caro! Liberdade! Liberdade! ... ali! eu gosei na minha mocidade! _ ((continuou Susana com amargura))_ Tulio, meo filho, ninguem a gozou mais ampla, não houve mulher alguma mais ditosa do que eu. Tranquila no seio da felicidade, via despontar o sol rutilante e ardente do meo paiz, e louca de praser a essa hora matinal, em que tudo ahi respira amor, eu corria as descarnadas e arenosas praias, e ahi com minhas jovens companheiras, brincando alegres, com o sorriso nos lábios, a paz no coração, divagávamos em busca das mil conchinhas, que bordam as brancas areias d’aquelas vastas praias. Ah! Meo filho! Mais tarde deram-me em matrimonio a um homem, que amei como a luz dos meos olhos, e como penhor d’essa união veio uma filha querida, em quem me revia, em quem tinha depositado todo amor da minha alma: _uma filha, que era a minha vida, as minhas ambições, a minha suprema ventura, vejo sellar a nossa tão santa união. (REIS, 1975, p. 91-92)

Como podemos perceber na voz da própria Susana, que rememora com lágrimas nos olhos a felicidade que desfrutava com muito prazer quando estava livre, não só a sua liberdade, mas de outras mulheres, a mesma era apaixonada pelo pôr-do-sol, ansiava pelo o seu esplendor e a beleza da natureza para poder desfrutá-la e espalhar toda a sua alegria em viver no espaço livre.

Mas como diz o ditado popular “a felicidade é passageira”, a mesma não durou muito tempo para a pobre negra, como também para várias mulheres que foram privadas de gozar sua alegria, pois, foram escravizadas e afastadas para sempre de quem tanto amava. Como vemos, Susana traz a memória individual, que se faz coletiva, para descrever esse espaço repleto de dor, sofrimento e saudade, do espaço que vivia antes de ser escrava, quando era liberta.

No entanto, a presença da personagem é indispensável na narrativa, dependente de ser ou não permanente do espaço na qual as defini. Dalcastagnè (2012) nos apresenta o espaço urbano como atualmente presente na narrativa brasileira:

O que quer dizer que o espaço, hoje mais do que nunca, é constitutivo da personagem, seja ela nômade ou não. [...] Assim, o espaço da narrativa brasileira atual é essencialmente urbano ou, melhor, é a grande cidade, deixando para trás tanto o mundo rural quanto os vilarejos interioranos, [...]. (DALCASTAGNÉ, 2012, p. 109-110)

Conseqüentemente, o espaço urbano é um espaço em que vários tipos de pessoas de diferentes classes sociais, onde se conhecem e reencontram-se e muitas das vezes a cidade aparece como personagem da narrativa, pois é uma construção da mesma, quando essas personagens se afastam ou não tem contato com a cidade, ela também se priva em relação a outras pessoas.

O espaço descrito em *Úrsula* é urbano, a história se passa numa pequena cidade de São Luís do Maranhão, na qual o espaço físico está representado nas cenas que descrevem as casas de Luísa B., (onde Úrsula vê o seu amado pela primeira vez), de Tancredo, do Comendador Fernando P., (casa em que os escravos são massacrados) e também o convento, o cemitério e os espaços citados pelas personagens através de suas memórias.

Devido às transformações sociais, políticas e culturais que ocorreram no século XIX, foram atingidos vários sujeitos, dentre eles estão as mulheres e os negros, que não tinham voz e não se compatibilizam com as classes dominantes.

Em virtude dessas mudanças foram surgindo mulheres que através da literatura questionaram a submissão e as injustiças sociais e ao mesmo tempo expunham a memória, recuperando as vozes silenciadas que foram ignoradas e esquecidas por muito tempo. Mesmo assim, esse espaço público ainda era desconhecido para as mulheres, como discorre Dalcastagnè:

Todas caminham, deslocam-se, conhecem pessoas com as quais se relacionam nesse trânsito, mas vivem em espaços que continuam não sendo seus. [...] Sendo assim, esse mundo do lado de fora de suas portas não é enxergado por nós a partir de uma perspectiva feminina. O espaço público aparece, então, ainda como o lugar do estranhamento, por onde as mulheres circulam, mas carregando sua bagagem, sempre prontas a voltar para casa. (DALCASTAGNÈ, 2012, p.125)

Dessa forma, a representação do espaço das mulheres negras é invisível, são apenas enclausuradas no espaço privado, no âmbito doméstico, apenas obedecendo ao seu papel como objeto de desejo, de reprodutora e dona do lar, elas transitam de um lado para outro, se relacionam com várias pessoas, mas se sentem estranhas, pois ainda vivem num espaço que não é seu, retornando sempre ao casulo, seu pequeno espaço.

Como percebemos alguns espaços públicos ainda são desconhecidos para elas, são mulheres que estão ainda sufocadas pelas imposições sociais, pela responsabilidade familiar que passa de mãe para filha e pela obediência aos maridos, ainda confinada dentro de casa e nas senzalas, no caso das escravas que dedicam seus dias de vida aos cuidados de seu patrão.

Assim sendo, podemos destacar um espaço marcante lembrada pela escrava Susana, os porões do navio, lugar onde foi colocada durante o seu aprisionamento. A mesma relembra as torturas e os maus tratos sofridos no navio negreiro. Como se pode perceber no trecho seguinte de Reis (1975):

Melteram-me a mim e a mais tresentos companheiro de infortunado e de cativo no estreito e infecto porão de um navio. Trinta dias de cruéis tormentos, e de falta absoluta de tudo quanto é mais necessário á vida passamos n'essa sepultura até abordamos ás praias brasileiras. [...] Davam-nos a agua imunda, podre e dada com mesquinhez, a comida má e ainda mais porca: vimos morrer ao nosso lado muitos companheiros á falta de ar, de alimento e de agua. (REIS, 1975, p. 93)

Como vemos na citação, a escrava Susana como os outros escravos viveram seus dias de tormentos no espaço de plena pobreza. Essa travessia é descrita como horror, pois os mesmos além da escassez de comida e água, viviam acorrentados e num espaço muito pequeno acarretando assim a morte de vários escravos por falta de ar.

De acordo com Rocha (2003, p.5) a pobreza pode ser definida “[...] de forma genérica como a situação na qual as necessidades não são atendidas de forma adequadas”. Durante a viagem dos escravos no navio negreiro, não foram supridas suas necessidades, não eram ouvidos, eram apenas instrumentos da política social, economia e um artefato de mercadoria, pois os mesmo não se encaixavam nas classes dominantes.

Diante disso, entendemos como foi difícil e árduo a circulação das personagens femininas em busca de um espaço que as acolhessem, que não fossem excluídas e sim reconhecidas, dotadas de inteligência, capazes de transformar o meio em que vivem, assim como era destinado essas características somente aos homens.

A autora destaca a importância da memória através da personagem Susana que relembra e denuncia as injustiças vivenciadas pelas mulheres negras, como também o espaço de suas experiências como mulher livre na África e escrava no Brasil, submissa às ordens rígidas de seu senhor. No próximo capítulo iremos analisar o espaço de pobreza rememorado em *Úrsula*, destacando a desumanidade do regime escravocrata e em contraste com a humanidade da personagem Susana.

2 O ESPAÇO DE POBREZA EM *ÚRSULA*

Nesse capítulo iremos rememorar o espaço de pobreza em *Úrsula*, de Maria Firmina dos Reis, apresentamos dois subtópicos que será analisado: 1.1 a desumanidade do espaço escravocrata presente no romance. Usamos para a nossa análise as discussões de Massi (2015), *desumanização da literatura*.

No subtópico seguinte 2.2 analisamos a humanização da negra Susana, personagem em destaque na narrativa *Úrsula*, objeto de nossa análise. Como referências utilizamos Barros (2009), *Vozes femininas e étnicas: a narrativa enquanto expressão da vida*, Dalcastagnè (2015), *Mulheres negras e espaço urbano na narrativa brasileira contemporânea*.

2.1 A desumanidade do espaço escravocrata: a dor não tem cor

Compreendemos então, que Maria Firmina dos Reis dá voz a escrava Susana, dando-a o direito de revelar ao leitor o lado desumano da instituição escravista por meio de sua memória coletiva, ponto destacado no primeiro capítulo, pois para essa instituição o escravo não era definido como pessoa e sim como coisa, propriedade exclusiva do seu senhor e de um sistema cruel, violento e excluído da sociedade. Assim sendo, Susana descreve esse senhor no trecho a seguir:

O comendador P... foi o senhor que me escolheu. Coração de tigre é o seo! Gelei de horror ao aspecto de meos irmãos... os tratos, porque passaram, doeram-me até o fundo do coração! O comendador P. derramava sem se horrorisar o sangue dos desgraçados negros por uma leve negligencia, por uma obrigação mais tibiamente cumprida, por falta de intelligencia! E eu soffri com resignação todos os tratos que se dava a meos irmãos, e tão rigorosos como os que eles sentiam. E eu tambem os soffri, como eles, e muitas vezes com a mais cruel injustiça. (REIS, 1975, p.94)

Nessa citação Susana nos apresenta o senhor de escravos como um homem branco violento, sem emoção e cruel. Susana ao contrário desse senhor era defensora da verdade e da justiça que clamava por liberdade, a mesma presenciou

toda crueldade que sofreram os seus irmãos escravizados e sentiu as mesmas dores e injustiças causadas pela sociedade considerada aparentemente civilizada.

Desta forma, percebemos que houve mudança de papel entre o escravo e o branco, o escravo era tido como bárbaro e violento e o branco como civilizado, mas no romance *Firmina* inverte esses papéis, mostrando o que escondia por baixo dos tapetes, como o fanatismo, a avareza e a desumanidade. O senhor branco agia de forma agressiva, sem sentimentos e não tinha compaixão dos pobres negros, os tratando como fossem animais. Como é destacado a seguir:

_Eia, que fazem, animaes! Outro cavalo imediatamente sellado. E os meos dous pagens, que me sigam. Os míseros escravos gemeram de dôr; mas nem mais leve exprobração, nem um sinal de justa indignação, se lhes pintou no rosto. Eram escravos, estavam sujeitos aos caprichos de seo barbaro senhor. (REIS, 1975, p. 147)

Percebemos nesse trecho a submissão dos míseros escravos para o seu senhor, que temia ser castigado ao desobedecer, os mesmo estavam cansados, desanimados e cientes que nada poderiam fazer, seria inútil qualquer ação contra um ser superior. *Firmina* condena a perversa cadeia da escravidão, abrindo espaços para descrever a realidade dos oprimidos, as dores tanto física, como da alma e da mente, as humilhações que os prisioneiros tiveram que passar.

Ao contrário do senhor branco, o sangue dos escravos corria nas veias de *Susana*, a negra agia como ser humano inteligente e fiel aos seus irmãos, pois diante de tantas dores pela perda da família que foram deixados para trás, vendo os seus companheiros torturados e sendo também torturada, mesmo assim, o seu coração transbordava de compaixão e tinha uma alma bondosa na qual tinha a esperança que um dia tudo ia acabar e que a liberdade viria, mesmo sendo depois da morte. A negra *Susana* continua relatando a situação dos escravos:

Na casa do trabalho, muito mais frouxa lobrigava-se ainda a escassa luz de um lampião: os negros tinham recebido novas tarefas, empanhavam-se por acabal-as. Desgraçados! [...] E já nem uma lagrima lhes vinha aos olhos, nem um queixume nos labios – eram mudos; estorciam-se com a dôr da chibatada, abriam os olhos, moviam-se maquinalmente para continuarem o serviço, e logo recahiam n'aquella penosa prostração, que revela extrema fadiga de um corpo, que descahe já para o tumulto, cançado de lutar em vão contra mil privações que o desgastaram e aniquilaram. (REIS, 1975, p. 155)

Em vista disso, os colonizadores para atenderem ao desenvolvimento econômico do Brasil, começaram a traficar, trazendo vários negros da África para serem vendidos, colocados em senzalas imundas e depois eram obrigados a trabalhar açoitados e sob maus tratos. Como percebemos no próprio romance *Úrsula*, esse trabalho que explorava os negros, os levando até a morte. Nakagome mostra como essa comercialização se deu:

Em resumo, a ação de comercializar negros definia os contornos da nação brasileira que surgia, não apenas economicamente, mas também ideologicamente, pois, para que fosse possível fazer do negro um escravo, era preciso desqualificá-lo enquanto ser humano e, dessa forma, estabelecer a superioridade branca. Isso só pôde acontecer a partir da criação de estereótipos que deformaram o africano, na medida em que não só o colocaram como incapaz de exercer atividades intelectuais, mas também o aproximaram do animal. (MASSI, 2015, p. 21)

Nesse trecho, Nakagome relata a forma como surgiu à criação do estereótipo que definiu negativamente a personalidade do negro, como incapaz de racionar e de tomar decisões próprias, o mesmo é tão animalizado que o estereotipado afirma que nem Deus eles tem, mas percebemos na narrativa a devoção a Deus da preta Susana, nos momentos difíceis ela evoca o nome Dele, com esperança de um dia ele te dar a liberdade além da morte, desta forma, vemos o quanto a imagem do escravo é desfigurada.

A negra Susana também foi vítima do embrutecimento de dois senhores, o primeiro descrito como de Comendador Paulo P, que a tirou de sua terra amada, agia da forma mais desprezível e desumana:

E ella chorava, porque doia-lhe na alma a duresa de seo esposo para com os miseros escravos, mas ele via-os expirar debaixo dos açoites os mais crueis, das torturas do anginho, do cepo e outros instrumentos de sua malvadeza, ou então nas prisões onde os sepultava vivos, onde, carregados ferros, como malévolos assassinos acabavam a existencia, amaldiçoando a escravidão; e quantas vezes aos mesmos céos! (REIS, 1975, p. 94)

Já velha Susana cai nas mãos do segundo carrasco, o Comendador Fernando P. que faz dos seus últimos dias um grande tormento:

_ Levem-na! _ ((tornou acenando para Susana.)) _ Miseravel ! pretendeste illudir-me ... saberei vingar-me. Encerrem-na em a mais

humida prisão desta casa, ponha-se-lhe corrente aos pés, e á cintura, e a comida seja-lhe permitida quanto baste para que eu a encontre viva. (REIS, 1975, p. 158)

Notamos que Susana também foi vítima dessa comercialização escravista, sendo mercadoria vendida para ser cruelmente explorada. Percebe-se nos trechos que mãe Susana denuncia a violência do seu aprisionamento e dos seus irmãos africanos, lembrando os horrores vivenciados na escravidão, sob o jugo dos senhores estrangeiros. Vemos que Susana relata até os instrumentos que eram usados nas torturas.

Nesse sentido, vimos no capítulo anterior que a memória é a junção de lembranças de fatos individuais e que esta forma a memória coletiva, na qual muda de acordo com o espaço que o ser é inserido. Fato este que é rememorado através de história passadas contado de geração a geração para construir o presente, na qual a personagem Susana quem traz a consciência do passado histórico e guarda a cultura do seu povo.

Continuando o raciocínio, o seu destino é morrer pelas mãos do Comendador Fernando P, quando a pobre inocente é acusada de ajudar a fugir aquela quem ela tanto amava: “_Pois bem! Confessarás á força de tormentos o que é feito della, e qual o nome do seo seductor.” (REIS, 1975, p. 156). Mas a escrava “Pedio a Deos que lhe puzesse um sello nos lábios, e o valor do martyr no coração” (REIS, 1975, p. 157), mesmo com as ordens do seu senhor, Susana resiste em sua palavra para não entregar Úrsula e Tancredo. Como consequência foi castigada severamente, colocada numa prisão até os seus últimos dias de vida, sendo escrava sofreu toda a barbaridade da escravidão, como destaca Reis:

O ex-feitor deo então de rédeas ao seo cavalo; deixou passar aquella vietima resignada de tão implacavel cholera, e tocado pela sublime brandura d’aquella velha africana, lamentou profundamente a sorte mesquinha e horrível que lhe preparara o comendador, que em sua insânia parecia despenhar-se irremessivelmente nos abysmos do inferno. (REIS, 1975, p. 154)

O temível comendador planeja cruelmente a morte da pobre negra, sua loucura e a ardente paixão pela sua sobrinha o levaram ao extremo da maldade humana, descontando sua raiva nos pobres negros, mostrando cada dia mais a sua perversidade e sua desumanidade. Mesmo com toda essa tortura, não embrutecera e nem endurecera o seu coração, ela permanecia nobre assim como herdara de seu

povo africano. O espaço de pobreza em que eram inseridos era assustador, além das condições higiênicas e sanitários deploráveis, os negros não tinham alimento necessário para matar a sua fome e nem roupas para o dia de frio. Eles sobreviviam dos restos que o senhor lhes dava, a custo de muito trabalho pesado e obediência.

Reis ao expor essas duas personagens masculinas em seu romance, o Comendador Paulo P., e o Comendador Fernando P., confirma sua denúncia quanto à desumanidade dos senhores de escravos e dos colonizadores brasileiros. Com isso mostrando sua coragem enquanto mulher, pobre e negra em pleno século XIX e quebrando com os paradigmas da época dando voz aos negros outrora silenciados, fazendo com que estes ocupem um espaço na sociedade e na escrita literária distanciando do conceito do estereótipo.

A autora Firmina em seu discurso lança uma reflexão quanto ao fim das injustiças do branco: “Senhor Deos! Quando calará no peito do homem a tua sublime maxima _ ama a teu proximo como a ti mesmo-, e deixará de oprimir com tam reprehensivel injustiça ao seu semelhante!.. á aquelle que é seu irmão?!” (REIS, 1975, p. 14).

Notamos acima, que a escritora é defensora da justiça, clamava através de suas palavras por igualdade e o fim das injustiças, para ela os negros e os brancos são iguais, comparados como irmãos, filhos do mesmo pai Criador, queria que todos seguissem como a reflexão diz, de amar o próximo como a ti mesmo, os tratando de igual modo diante de uma sociedade preconceituosa, vista na época.

O narrador não compreende como pode existir tanta perversidade no coração dos homens brancos para com o seu próximo. Diante disso, Reis por meio do seu discurso mostra a humanidade de Susana e esta humaniza o espaço do negro principalmente das mulheres negras, por meio de sua memória cultural coletiva, prezando suas tradições, raça e crenças, colocando o negro em pé de igualdade com o branco, reconstruindo seu espaço e sua identidade quase apagada pela a escravidão.

Nesse sentido, compreendemos a importância que a memória tem para a nova geração e para a reconfiguração de um novo espaço, como relata Barros (2009):

[...] A voz evoca lembranças que refletem vivências sinalizadas pela dor, pelo sofrimento. Evidenciam marcas identitárias. A memória para o povo afro-brasileiro fundamenta o processo de reconstituição da identidade, esfacelada pela a escravidão. Juntar recortes de vidas,

experienciadas em África e Brasil, e recontá-los resulta numa nova história da africanidade brasileira, na qual a condição da mulher afro-descendente aflora na teia discursiva. (BARROS, 2009, p. 29)

Partindo disso, entendemos quão significativo é a memória, pois por meio dela podemos viajar no passado, reunir históricos vividos e depois recontá-los ao passar do tempo. A negra Susana ao rememorar suas experiências vividas na África, como uma mulher livre, desmascara o regime escravocrata por dizer que os negros já eram escravos em sua terra natal, estratégia para inferioriza-los e autorizar a escravidão dos negros.

No entanto, Susana nos relata o contrário, que vivia livre e gozava de toda felicidade com a sua família, pois tinha o privilégio de acordar todas as manhãs, desfrutar do pôr do sol, correr, respirar tranquilidade e amor e compartilhar sorrisos com as pessoas que ama e lhe faz bem, evidenciando marcas de sua identidade anterior e liberdade. Ainda mais, mãe Susana descreve toda dor e sofrimento que passou no tempo da escravidão, desconstruindo sua identidade e denunciando os maus tratos de seu senhor.

Uma coisa os seus irmãos escravizados tinham certeza, que a mente deles não poderia ser escravizada como destaca a seguir: “[...] Oh! a mente! Isso sim ninguém a pode escravizar! Nas asas do pensamento o homem remonta-se aos ardentes sertões da Africa, vê os arreas sem fim da pátria e procura abrigar-se debaixo d’aquellas arvores sombrias do oasis, [...]” (REIS, 1859, p. 28), por meio da mente os negros eram capazes de transporta-se por alguns instantes para outro mundo, um mundo de igualdade, sem preconceito, sem dores e até mesmo para a sua terra natal.

Mas, a mente também sofria o que o seu corpo padecia assim citado: “Ella, não pode se dobrar, nem lhe pesam cadeias da escravidão; porque é sempre livre, mas o corpo geme, e ella sofre, e chora; porque está ligada a ele na vida por laços estreitos e mysteriosos” (REIS, 1975, p. 28). Nesse sentido, entendemos que a mente chora ao relembrar de como viviam livres, desfrutando de toda liberdade e da imensa saudade de seus entes queridos que foram deixados para trás e nunca mais poderiam vê-los novamente, essa sim doe mais que as marcas do corpo, deixando cicatrizes na alma e na mente.

Partindo disso, podemos definir a dor dos negros como consequência de uma agressão física, causada pelas torturas, pelos os açoites, pelo o trabalho pesado nos engenhos, nas minas de ouro e nas casas dos senhores e, também emocional pela

perda de sua família, sentimento profundo causado pela saudade. Pois, notamos no romance *Úrsula* que a dor era companheira inseparável da pele negra. Para o branco não tinha importância à dor do negro, para eles o que importava era o dinheiro, conforto e comodidade adquirida pelo suor de seu trabalho e suas intensas dores.

Em virtude desses horrores, Firmina faz a crítica quanto a lamentável condição das mulheres negras da época, ao denunciar os tiranos comendadores não só de escravos, mas também de mulheres. Ao produzir, a escritora procura liberdade em suas palavras para expor a sua indignação quanto aos maus tratos e a pressão social direcionada as mulheres no século XIX. Fazendo assim da sua escrita um espaço de luta a favor dos direitos das mulheres e negros de sua participação nos espaços destinados somente para os homens, principalmente na produção literária.

Diante disso, frisamos no capítulo primeiro sob o pensamento de Zolin (2005) que a presença da mulher no universo literário era rara, sendo que esse espaço era ocupado somente pelos os homens, na qual as mulheres eram classificadas negativamente pelo estereótipo, construído por longos tempos. As mulheres permaneciam trancadas dentro de casas e nas senzalas sob a submissão de pais, irmãos, maridos e senhores, excluídas no meio social e literário.

Partindo disso, entendemos que as mulheres viviam num espaço limitado, pois a sua presença no espaço público era considerado como uma vergonha e desonra para sua família e sua perdição é uma ameaça ao padrão moral da sociedade autoritária. Atuar no espaço público não foi fácil para a figura feminina, por esta presa a esse sistema e ao domínio privado, sendo criticada ao expor sua opinião e expressar os seus sentimentos. Mas, elas têm agido de várias maneiras e vários meios, entre elas vemos Maria Firmina dos Reis resistente as críticas e aos preconceitos da denominação masculina.

Assim sendo, notamos que Maria Firmina é consciente que seria o centro das críticas ao escrever esse romance, pois inicia a sua narrativa presumindo sua reprovação, como a mesma relata: “Mesquinho e humilde livro é este que vos apresento, leitor. Sei que passará entre o indiferentismo glacial de uns e o riso mofador de outros, e ainda assim o dou á lume.” (REIS, 1975, p.5)

Como podemos notar no trecho acima, Reis pressupõe que a sua obra seria esquecida e desvalorizada por muitos, por ser mulher e por denunciar o tratamento desumano aos negros e a supressão destinada as mulheres, cometidos pelos os

homens bárbaros e também a mesma abre o espaço outrora privado as mulheres e incentiva outras mulheres a escrever e a publicar as suas obras.

Percebemos diante de tanto sofrimento dos escravos, que o coração do negro permanecia nobre, pois eles eram vítimas da escravidão, porém, nunca desumano, embora desumanizados e animalizados. Exemplo disso, analisaremos no próximo subtópico, a humanidade da personagem negra Susana, quebrando o estereotipo desumano dos brancos.

2.2 A humanização da preta Susana: as reconfigurações do espaço

Observando o contexto sócio histórico do Brasil no século XIX período da escravidão, notamos que o negro é considerado um ser inferior ao branco, por isso merecia ser escravizado, dando crença ao estereotipo, na qual distorcia a imagem do negro, o classificando como degenerado, sujo, feio, selvagem e incapaz de pensar, falar, agir no espaço social e de expressar os seus sentimentos.

Em contrapartida a isto, encontramos personagens no romance *Úrsula* que se distanciam, da visão discriminatória que menospreza o negro em relação ao branco, principalmente destacando as mulheres negras que eram submissas duas vezes, ao marido e ao seu senhor. Assim, notamos que o cenário das mulheres em geral é semelhante a do escravo, pois a mesma se encontra em um tipo de aprisionamento.

Maria Firmina dos Reis deu voz a essas personagens negras para rememorar o passado, trazendo à memória a dor e a experiência vivida e, também reconfigurar o espaço do negro e das mulheres outrora apagadas na memória do regime patriarcal e escravocrata, passando de objeto que era para sujeito, tornando-se assim enunciador do seu próprio discurso. Sendo assim, Maria Firmina nos descreve a personagem negra Susana, enunciativa do seu discurso memorialista, dotada de características humana:

E ahi havia uma mulher escrava, e negra como ele; mas boa, e compassiva, que lhe sérvio de mãe em quanto lhe sorrio essa idade lisonjeira e feliz, unica na vida do homem que se agrava no coração com caracteres de amor _unica, cuja recordação nos apraz, e em que Susana, chama-se ella, trajava uma saia de grosseiro tecido de algodão preto, cuja orla chegava-lhe ao meio das pernas magras, e descarnadas como todo o seu corpo: na cabeça tinha cingido um lenço encarnado e amarelo, que mal lhe ocultava as alvissimas cans. (REIS, 1975, p. 88-89)

Nesse trecho, nota-se que o narrador discorre a humanidade da escrava Ihe designando características outrora dadas ao branco civilizado. Primeiro nos apresenta sua identidade como mulher escrava, sendo submissa duas vezes, ao marido e às ordens do senhor, usada como objeto sexual e destinada ao espaço privado, doméstico e na mão de obra.

Em seguida é designada pela cor de pele, sujeita a exclusão e ao preconceito da sociedade regida pelos os brancos. Além disso, Ihe é atribuída significativos valores, como “boa e compassiva”, mesmo diante dos sofrimentos, quebrando o tabu da imagem negativa do negro escravo. Diante disso, percebe-se que as mulheres negras apresentam qualidades boas e sentimentais superiores aos homens que a qualifica para convívio em sociedade.

Susana é mãe, tanto da filha que deixou na África, quanto de Túlio, que ficou órfão ainda muito pequeno. A maternidade foi um acontecimento especial na sua vida, vai além do nascimento e aspecto sanguíneo (biológico), pois permanece a vida toda, é o princípio da identidade, mesmo quando é distorcida e roubada. A negra africana carrega em seu corpo enfraquecido as cicatrizes dos sofrimentos que padeceu por causa da escravidão.

Continuando o raciocínio, percebe-se no trecho a seguir que mãe Susana expressa os seus sentimentos e se importa com a felicidade de seu filho Túlio, quando o rapaz resolve partir com o seu amigo branco Tancredo:

A velha sentio-o, e duas lagrimas de sincero enternecimento descera-lhe pela a face: ergueo então seos olhos vermelhos de pranto, e arrancou a mão com brandura e elevando-a sobre a cabeça do jovem negro, disse-lhe tocada de gratidão: _Vae, meo filho! Que o Senhor guie os teos passos, e te abençoe, com eu te abençôo. (REIS, 1975, p. 95)

Percebemos uma das personalidades humana da negra Susana, que chora a partida inesperada do seu filho Túlio, na qual não pode impedi-lo de partir por ser homem crescido, que já sabe se virar sozinho, só Ihe resta chorar. Vemos o seu amor incondicional, a ponto de abençoá-lo e Ihe proteger. Sendo assim, identificamos na escrava Susana uma alma nobre, dotada de sentimentos, desconstruindo os estereótipos. Nesse momento a mãe Susana explica o significado da verdadeira liberdade, que não seria possível ser livre estarem num país de racistas e escravistas.

Sendo assim, Susana tornou-se referência respeitada pelos africanos como relata o narrador a seguir: “Tulio ajoelhou-se respeitoso ante tão profundo sentir: tomou as mãos secas, e enrugadas da africana, e n’ellas depositou um beijo,” (REIS, 1859, p. 95), o pobre escravo conhecia e sentia essas dores que marcam cada ruga do seu corpo e doloridos calos nas mãos de Susana.

Notamos que mãe Susana não era só dotada de sentimentos e de boa índole, mas, também cuidava do coração de seus irmãos, os ensinando a não guardar mágoa no seu coração, mesmo com aqueles que lhes fizeram tanto mal:

[...] gemi de ódio, e confesso-vos que por longo tempo nutri o mais hediondo desejo de vingança. Oh! Eu queria suffoca-lo entre meos braços, queria vel-o aniquilado a meos pés, queria... Susana, essa boa mãe, arrancou-me do coração tão funesto desejo. (REIS, 1975, p.138)

Na citação vemos Susana sendo caracterizada pelo discurso do negro Tulio, representando aqueles que ouviam os conselhos dos mais velhos de sua raça e os obedeciam. Os conselhos de Susana vinham acompanhados de afetividade e confiança a ponto de arrancar qualquer sentimento mal que corrompe os seus valores.

Como dissemos no capítulo anterior, a partir da leitura de Dalcagnè (2009), o espaço público ainda é desconhecido para as mulheres, vemos como exemplo a personagem Susana que foi tirada do seu espaço de liberdade, para ser colocada a força num espaço totalmente desconhecido, sendo obrigada a se relacionar e a conviver nesse espaço de aprisionamento que só lhe trouxe sofrimentos, exclusão, saudades e pobreza.

Este último é representado pelo o navio negreiro e as senzalas da prisão, que também é descrito anos depois do romance *Úrsula* pelo poeta Castro Alves em sua poesia retratando a vida sofrida dos negros, vítimas do tráfico de escravos durante as viagens de navio da África para o Brasil. Nota-se que o romance *Úrsula* inicia abordagens que virão na obra do abolicionista Castro Alves.

A narradora continua rememorando episódios que apresentam as virtudes de Susana que a humaniza diante do espaço de pobreza e a condição em que se encontrava: “Susana não vinha atada á cauda de um cavalo, caminhava com a frente erguida, e com a tranquilidade do que não teme; porque é justo” (REIS, 1975, p. 154). A pobre negra Susana mesmo presa não baixava a cabeça, gesto que

significava coragem e provava a sua inocência, pois a mesma tinha a convicção que representava o seu povo e como mulher se mostrou paciente, resistente e forte diante do seu dominador.

Mesmo frente a morte Susana se mostrou resistente e de sentimento puro como mostra o relato: “Sorria-se á borda da sepultura; porque tinha a consciencia de que era inocente e bem-aventurada do céu. A morte era-lhe suave; porque quebrava-lhe o martyrio e as cadeas da masmorra infecta e horrenda” (REIS, 1975, p. 188). Diante deste acontecimento, percebemos que mesmo diante da morte, Susana não se desespera e nem teme a morte, mas mantém sua coragem.

No entanto, ela sorria porque sabia que com a morte, a liberdade que tanto ansiava viria. A morte é percebida como descanso, porque rompia as torturas, as surras, aos trabalhos pesados, o abuso sexual, a humilhação, rompia definitivamente com o regime escravocrata e arrancou o que mais doía no coração, à saudade de sua terra natal e de sua família. A morte para Susana não seria o fim, mas, o começo de uma nova vida de alegria, gozo e paz desfrutando da liberdade que lhe foi tirada.

Diante disso, notamos que a preta Susana definiu o espaço por meio de sua identidade, lembrando suas experiências e trazendo à luz a preservação da cultura negra, tornando-o uma forma de resistência à escravidão, que nem as torturas, os açoites, e os estupros o apagaram de sua memória. Fazendo dessa maneira intermediária e construtora de sua própria história.

Conseqüentemente, deixando suas impressões e legados em vários segmentos da sociedade, para que outros possam lembrar também a sua história, pois o negro esteve desde o começo da constituição social brasileira, na qual a cultura negra contribuiu para formação mais econômica e social, mesmo sendo ainda discriminada e desvalorizada.

Assim, percebemos que a negra Susana por meio de sua memória, discorre atitudes e valores que ameniza a dor e o sofrimento no espaço do negro, sobrepondo a desumanização escravocrata regida pelos senhores brancos, reconfigurando a imagem negativa do negro. Sendo a personagem responsável por trazer à tona a memória coletiva dos que foram esquecidos e apagados da memória e parte importante para democratização da sociedade brasileira.

Assim, consideramos que o romance *Úrsula* de Maria Firmina dos Reis revela a dupla exclusão da mulher e do negro na sociedade oitocentista, que adotava o sistema opressivo, conservadora e escravocrata e limitando as mulheres à um

espaço privado, excluindo-a do espaço público, principalmente da escrita literária, atividade imprópria para as mulheres.

Enfim, a personagem Susana é o meio que a autora Firmina usa como portadora das vozes femininas negras que foram oprimidas e excluídas do meio social e da escrita literária. É a porta-voz da memória, na qual relembra não só a vida em liberdade de seus antepassados, mas, também dos horrores vivenciados durante a navegação até o Brasil e as punições que sofriam. Desse modo, denunciando tratamento desumano do regime escravocrata e da dominação sobre as mulheres negras que eram submetidas às ordens do poder masculino, privadas da vida social, cultural, política e do espaço público que era destinado aos homens.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante do que foi exposto, verificamos que a escritora Maria Firmina dos Reis escreve o seu romance *Úrsula* num período que a mulher como representação literária era desvalorizada e sua voz silenciada, na qual a escritora fazia parte e da mesma sorte não foi aceita e nem reconhecida, conseqüentemente por ser mulher e negra.

Pois a literatura foi por muito tempo idealizada e disputada por grupos interessados em buscar poder e status. Por outro lado, vemos que a autora defende a voz das entidades subalternizadas durante a escravidão e da construção de identidades negras outrora distorcidas e esquecidas no século XIX. Percebemos que Maria Firmina pretendeu através de suas personagens comover seus futuros leitores para a causa antiescravista, de expressar suas opiniões e contestar sua marginalização como a de seu povo africano.

Firmina buscou por meio da literatura, denunciar o lado desumano do regime escravocrata e agressão física e emocional contra as mulheres negras, que eram submetidas a torturas e submissa a esse sistema cruel e violento. A forma de denúncia foi através de recuperação das vozes silenciadas caracterizadas pelas personagens negras do romance, dando-as voz para contar a sua própria história por meio da memória, sendo transmitida e rememorada de geração a geração a partir de suas lembranças.

Constatamos não só o tratamento perverso dos senhores de escravos que tinha para com as escravas, mas também o espaço de extrema pobreza que eles eram inseridos, sem nenhum respeito, acarretando a ausência de dignidade sendo marginalizados e desumanizados. Notamos essa pobreza tanto no navio negreiro, como nas senzalas propriedade dos senhores brancos, exclusivamente para os castigos, as torturas, envolvendo a falta de comida e de água nas quais muitos morriam, conseqüências desse espaço de pobreza.

Nesse sentido, Rocha (2003) definiu esse espaço de pobreza como a condição em que se encontravam, na qual suas necessidades não eram supridas de forma adequadas, assim, podemos perceber que as personagens negras se enquadram nessa definição, pois para a sociedade escravocrata eram apenas vista como objeto de política social, na qual era o único a ser beneficiado diante dessa pobreza.

Diante disso, fica claro que a personagem Susana representou as mulheres negras que foram cruelmente tiradas de sua terra natal, para serem colocadas num espaço desconhecido e causadora de infinitas dores. Daí a importância do papel da escrava, em construir a memória outrora desacreditada e resistir a esse espaço de pobreza e da falta de virtude nobre e de respeitabilidade, configurando a sua humanização diante das dores e do aprisionamento.

Comprovamos então, por meio da análise, que esse estereótipo de desfigurar negativamente a imagem do negro, que este era tratado como estrangeiro e inferiorizado, como cruel e desumanizado, no entanto, isso não prossegue no romance de Maria Firmina dos Reis, que desmascara a desumanidade do regime escravocrata, descrevendo tudo o que se passa por trás da classe média aparentemente civilizada, composta por senhores brancos. Em contraste, analisamos a personagem negra Susana dotada de características e atitudes que a humaniza rompendo com a visão negativa do estereótipo.

Maria Firmina dos Reis foi uma mulher resistente e guerreira em romper com os laços tradicionais que ligava à imagem negativa da mulher oitocentista, quebrando assim com o estereótipo em que os valores estavam voltados para o homem. Sendo assim, a escritora revoltada com os limites impostos a mulher negra, sendo impedida de escrever, passear por onde quisesse, expressar o seu sentimento, discursar a sua opinião, sendo submissa e agredida pelo marido e o senhor de escravo, enfrentou a discriminação demonstrando por meio da literatura escrita, as injustiças que contornavam a sociedade do século XIX.

Dessa forma, compreendemos que é necessário e importante conhecermos histórias passadas para ficarmos informados e prevenidos das circunstâncias que nos cercam. Aprendermos principalmente na área da literatura, em que a escrita das mulheres era apagada, não tinham vozes e eram excluídas pela sociedade dominante, privilegiando só a escrita dos homens, inferiorizando a figura feminina.

Assim, entendemos que a leitura e a pesquisa literária enriquecem o nosso conhecimento diante dos escritos e do mundo que a maioria das vezes é apagada da nossa realidade e de nossa memória, como as histórias dos negros e das mulheres que resistiram a um espaço dominado pelo regime autoritário e escravocrata, que nos sensibiliza diante da miséria e da condição em que se encontravam.

REFERÊNCIAS

ANDRETA, Bárbara Loureiro. **A literatura Afro-Brasileira de autoria feminina: um estudo de Úrsula**, de Maria Firmina dos Reis. 2013, p. 29-46.

BARROS, Maria Aparecida. Vozes femininas e étnicas: a narrativa enquanto expressão da vida. **Revista de Estudos Literários**. v. 17-B. dez. 2009. Disponível em: <http://www.uel.br/pos/letras/terroroxa>. Acesso em 20. set. 2019.

BERND, Zilá: **Introdução à literatura negra**. Editora brasiliense, 1988. p. 1-50.

DALCASTAGNÉ, Regina. **Um território contestado: literatura brasileira contemporânea**. Vinhedo, Editora Horizonte, 2012. p.109-145.

DALCASTAGNÉ, Regina: **Vozes femininas na novíssima narrativa brasileira**. In: Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea, nº 11. Brasília, janeiro/fevereiro de 2001, p. 19-26.

DALCASTAGNÉ, Regina. **Vozes nas sombras: representação e legitimidade na narrativa contemporânea**. In: Ver e imaginar o outro: alteridade, desigualdade, violência na literatura brasileira contemporânea. Vinhedo, Editora Horizonte, 2008. p. 7-10 e 78-103.

DALCASTAGNÉ, Regina. **Mulheres negras e espaço urbano na narrativa brasileira contemporânea**. In: DALCASTAGNÉ, Regina, LEAL, Vasconcelos, Virginia Maria. Espaço e gênero na literatura brasileira contemporânea. Porto Alegre 2009, p. 41-54.

DUARTE, Eduardo de Assis. Mulheres marcadas: literatura, gênero, etnicidade **Revista de Estudos Literários**. v. 17-B. dez.2009. Disponível em: <http://www.uel.br/pos/letras/terroroxa>. Acesso em 20. set. 2019.

DUTRA, Micharlane de Oliveira. **O quarto como espaço de resistência para as vozes d'As meninas, de Lygia Fagundes Telles**. 2019. 58p. Monografia: Especialização em Linguagem, Educação e Interculturalidade. Universidade do Estado do Rio Grande do Norte. Patu, 2019.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva e a memória individual**. In: HALBWACHS, Maurice. A memória coletiva. Paris, França, 2º ed. 1968. Cap.1, p. 25-52.

MASSI, Fernanda. **Branqueamento e animalização: representações da desumanização do escravo**. In: SOUSA, Regina Claudia Garcia Oliveira. Desumanização na literatura. 2015, p. 13-51.

MENDES, Melissa Rosa T. **As mulheres em Úrsula: uma análise histórica de gênero do romance de Maria Firmina dos Reis**. São Luís, MA: Ed. do Autor, 2013.

PERROT, Michelle: **Minha história das mulheres**. Ed. São Paulo: Contexto, 2007. p. 09 -165.

PINHEIRO, Hélder. **Pesquisa em literatura**. . Ed. Campina Grande: Bagagem, 2011. PERROT, Michelle: **Minha história das mulheres**. Ed. São Paulo: Contexto, 2007. p. 09 -165.

REIS, Maria Firmina: **Úrsula: Romance Original Brasileiro**. Edição fac – similar. Rio de Janeiro, 1975.

ROCHA, Sônia: **Pobreza no Brasil: Afinal, de que se trata**. 3. Ed. – Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006. 244p.

SCHMIDT, Rita Terezinha. **Na literatura, mulheres que reescrevem a nação**. In: ARRUDA, Angela. Pensamento feminista Brasileiro: formação e contexto. Org. Heloisa Buarque de Hollanda. Rio de Janeiro, 2019, p. 65 -79.

SCHMIDT, Rita Terezinha. **Centro e margens: notas sobre a historiografia literária**. In: DALCASTAGNÉ, Regina. Literatura e exclusão. EBLE, Laetícia Jensen. Estudos de Literaturas Contemporâneas. Porto Alegre, 2017, p. 29-40.

SOUZA, Jessé: **A má-fé da sociedade**. In: GRILLO, André. Ralé brasileira: quem é e como vive. Editora UFMG. Belo Horizonte, 2009, p. 403 – 409.

TELLES, Norma. **Escritoras, escritas, escrituras**. In: BASSANEZI, Carla. Histórias das mulheres no Brasil. 7. ed. – São Paulo: Contexto, 2004. p.401-441.

ZOLIN, Lúcia Osana. **Crítica feminista**. In: BONNIXI, Thomas e Zolin, Lúcia Osana. Teoria literária: abordagens históricas e tendências contemporâneas. 2. Ed. rev.e ampl. Maringá: Eduem, 2005, p. 217-240.